

# REVISTA FILOLÓGICA

N.º 7

Ano III da II fase

1957

## SUMÁRIO

	Pág.
ARNOLD VON BUGGENHAGEM Dicionário das Particularidades Lin- güísticas .....	3
ARTUR DE ALMEIDA TÔRRES Psicanálise e Filologia .....	17
CÂNDIDO JUCA (filho) O sufixo —UD— .....	25
CARLOS FREDSEN Do Indo-Euroque ao Latim ( V-1 ) ..	43
JARBAS CAVALCANTE DE ARAGÃO "Aspectos do P. Antônio Vieira" ..	52
MÁRIO DA GAMA KURY O Grego no 2.º Milênio A. C. ....	55
ROBERTO MACEDO Sermões de Fr Alexandre do Espírito Santo Palhares .....	71
SÍLVIO JÚLIO "OCÉANO" e "OCEANO" em Cas- telhano .....	77
*	
Gramática Superior da Língua Latina, de Ernesto Faria — S. S. N. ....	24
Basílio de Magalhães .....	80
BENTO TEIXEIRA Prosopopéia .....	Em separado

RIO DE JANEIRO — BRASIL — Cr\$ 30,00

1958

# REVISTA FILOLÓGICA

Fundador — RUY ALMEIDA

---

N.º 17

Ano III da II Fase

1957

---

Arquivo de Estudos de Filologia, História,  
Etnografia, Folclore e Crítica

Publicação da  
ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOGIA



Diretor Responsável — CÂNDIDO JUCÁ (filho)

Redator Chefe — SERAFIM DA SILVA NETO

Redator Secretário — AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA  
FERREIRA

Redator Tesoureiro — ADAUTO FERNANDES



"Organização Simões"

Rua México, 31 - sobreloja

Rio de Janeiro — Brasil

1958

## O GREGO NO SEGUNDO MILÊNIO

antes do Cristo

Conferência realizada na ABF por

*Mário da Gama Kury*

Em dias de abril dêste ano, o professor Jucá e eu trocávamos idéias sôbre a recente decifração da escrita micênio-cretense, e o resultado foi o convite para uma conferência versando êste tema. Conferência não faço, pois o meu único título para dirigir-me a tão ilustrada confraria, seria o interesse pela literatura grega em si mesma; fiz, porém, uma resenha de três livros importantes recentemente aparecidos, e peço vênia para apresentá-la com êsse caráter, deixando aos especialistas e doutos as conclusões e ilações possíveis em domínios pelos quais não me aventuro.

Até 1953, os documentos mais antigos da língua grega eram textos epigráficos do século VIII A. C., além da tradição direta ou indireta dos poemas de Homero e Hesíodo, e dos fragmentos dos mais antigos poetas líricos, em dialeto dórico e eólico, datando dos séculos VII e VII A. C.; mas a decifração da escritura micênia ou micênio-cretense, chamada "Linear B", conservada em tabletes de argila que remontam ao Século XV A. C., fêz recuar o nosso conhecimento do grego para uma época remotíssima, muito anterior à introdução do alfabeto fenício no mundo helênico.

E' um relato impessoal dos antecedentes da decifração, de seus detalhes e conseqüências, que pretendo fazer agora, baseado, como disse, 1.º, na publicação dos resultados do trabalho dos decifradores — Michael Ventris e John Chadwick — expostos no livro "Documents in Mycenaean Greek" (Cambridge, at the University Press, 1956); 2.º, no "Documenti e Struttura del Greco nell'Età Micenea" (Università degli Studi di Roma, Facoltà di Lettere e Filosofia, Anno Accademico

1955 — 1956, Seminario di Grammatica Greca e Latina; Edizioni dell'Ateneo, Roma); e 3.º, uma conferência do helenista inglês Maurice Bowra, proferida na Universidade de St. Andrews, em 1955, intitulada "Homer and his Forerunners" (Edinburgh, Nelson, 1955).

1. *Antecedentes* — A primeira etapa da longa caminhada que levaria à decifração da escrita micênia, data de 1876, quando o arqueólogo alemão Schliemann efetuou suas famosas escavações em Micenas, descobrindo as chamadas "sepulturas reais", com todos os preciosos tesouros que continham; datam dessa época os primórdios da arqueologia egéia, oriunda dessa primeira revolução da pré-história grega.

A segunda etapa foi o início das escavações do arqueólogo inglês Evans na localidade cretense correspondente à antiga Cnossos, em 1900, época da descoberta dos primeiros tabletes de argila inscritos em Linear B, denominação dada por esse arqueólogo, à qual voltarei daqui a pouco. A terceira etapa iniciou-se em 1952, quando Michael Ventris tornou públicos os resultados preliminares na tentativa de decifração da escrita Linear B, percebendo que estava diante de uma forma primitiva do grego ou melhor, de um dialeto grego anterior em 700 anos a qualquer dos conhecidos até então. Foram êstes os três estágios da revelação do mais antigo dialeto grego.

2. *As escritas dos tabletes* — Os tabletes de argila descobertos por Evans na ilha de Creta apresentavam três tipos de escrita: nos locais mais antigos do sítio correspondente à antiquíssima cidade de Cnossos, os tabletes apresentavam uma escrita ideográfica (chamada por Evans "hieroglífica"), situada pelos arqueólogos entre os anos 2.000 e 1.600 A. C., e substituída em seguida pelos escribas cretenses por uma escrita mais cursiva, linear (Denominada "linear A" por Evans), usada entre 1.660 e 1.450 A. C.; mas a partir do século XV A. C., uma nova escrita tornou-se corrente entre os escribas de Cnossos — a "linear B" de Evans — mais simples e regular, que desde então substituiu totalmente as anteriores. Descobertas posteriores vieram evidenciar a existência de tabletes inscritos em linear B na Grécia continental (Pilos, Orcômenos, Tebas, Micenas), contemporâneos dos de Cnossos e mais numerosos; dêsse fato deduziram os arqueólogos que, dada a diversidade entre a escrita hieroglífica e a "linear A", de um lado, e a "linear B" — muiot mais prática materialmente — ao invés de os gregos da região micênia terem importado a escrita "linear B" da região cretense de Cnossos, provavelmente

ocorreu o contrário, adotando os habitantes de Cnossos a escrita mais racional e evoluída que lhes veio com os micênios; essa hipótese é robustecida pelo fato significativo de só em Cnossos terem sido encontrados tabletes inscritos em linear B, enquanto no resto da ilha de Creta só apareceram tabletes em escrita hieroglífica e "linear A", inexistentes na Grécia continental.

A história grega entre os séculos XIII e VIII a. C., correspondente respectivamente aos últimos vestígios da escrita linear B (cêrca de 1.200 a. C.) e ao aparecimento da língua grega já revestida do novo alfabeto de origem fenícia (aproximadamente 750 a. C.), é impenetravelmente obscura, mas é possível fazer-se uma idéia, embora vaga, do que talvez haja ocorrido nessa época, tendo em vista, "mutatis mutandis", o que ocorreu na Turquia quando foi adotado o alfabeto latino, para revestir a mesma língua antes expressa em caracteres totalmente diferentes.

Da escrita linear B, o único vestígio posterior a 1.200 a. C. é o sistema silábico adotado na ilha de Chipre, de que há manifestações desde o século XIII até o sé. V a. C.; as diferenças gráficas, todavia, são muito grandes entre um sistema e outro, tanto que a decifração parcial do silabário cipriota, conseguida desde 1871, não foi útil com relação à escrita "Linear B".

3. *História da decifração; primeiras contribuições* — Os únicos fatos estabelecidos por Evans definitivamente, após a descoberta, foram: que todos os tabletes continham inventários de pessoas, animais e gêneros; que a indicação própria-mente escrita era seguida por ideogramas, possivelmente confirmatórios; que a contagem era feita por um sistema decimal de números; que a parte não constituída de ideogramas e números consistia em grupos distintos de sinais, separados por um pequeno traço vertical, evidentemente palavras, de língua minóica; como havia cêrca de 90 dêsses sinais fonéticos — muito numerosos para um alfabeto — deveria tratar-se de sílabas; seria, então, um sistema silábico de escrita.

Durante o meio século compreendido entre 1901 e 1951, houve tentativas interruptas de reputados linüista e talentosos amadores e extravagâncias dos maníacos de arqueologia, no sentido da decifração. Muitas dessas investidas tiveram como ponto de partida as aparentes similaridades entre os sinais "minóicos" e os do silabário cipriota, cujos valores já eram parcialmente conhecidos desde 1871 — data da descoberta

de uma inscrição bilíngüe; e todos os pesquisadores procuravam ler nos tabletes formas de alguma língua já conhecida, desde o hitita, egípcio, basco, albanês, eslavo e finês, até o hebraico e o sumeriano; mas excetuadas as tentativas do próprio Evans, quase tôdas as demais, anteriores a 1944, podem ser relegadas ao esquecimento.

Constituem, porém, exceções notáveis, um artigo de Cowley, em que êsse autor demonstrou que os totais, nas enumerações dos tabletes de Cnossos, eram introduzidos por dois sinais, o primeiro constante e o segundo variável (hoje sabemos que a parte variável representa as desinências masculina e feminina), e atinou com os sinais correspondentes aos ideogramas distintivos de "rapaz" e "moça", como indicações fonéticas equivalentes — dizia Cowley — a *Kuros* e *Kure\** em sílabas separadas; e também a longa série de artigos do arqueólogo sueco Sundwall, escritos a partir de 1914, nos quais se encarece a necessidade de examinar o contexto dos tabletes por comparações estritamente internas, de identificar os objetos representados pelos ideogramas e os sinais fonéticos correspondentes de pesquisar detidamente o sistema de números, frações e medidas.

O interêsse de Michael Ventris, decifrador, juntamente com John Chadwick, da escrita linear B, pelo problema da decifração, data de uma conferência pronunciada por Evans em 1936, na oportunidade da exposição comemorativa do jubileu da Escola Britânica de Atenas.

4. *A contribuição norte-americana; progressos decisivos* — Em 1939, o arqueólogo americano Blegen descobriu o local em ruínas de um grande palácio da época micênia, dez km ao norte do sítio onde existiu a cidade de Pilos dos poemas homéricos, sede dos domínios de Nestor; e nas escavações ali feitas foram descobertas 566 tabletes de argila, idênticos em escrita, disposição e linguagem, aos documentos em "linear B" encontrados por Evans em Cnossos, embora, pelos objetivos de cerâmica descobertos simultâneamente, os novos tabletes devessem ser datados de 1.200 a. C., época aproximada do fim da idade micênia; êsse fato talvez pudesse explicar-se como a sobrevivência de uma língua oficial micênio-cretense, tal qual o latim na Idade Média, e seria uma confirmação da hipótese de Evans acêrca da influência de Creta sôbre o continente, cujos

---

(\*) Visando a facilitar a composição tipográfica, as palavras gregas foram transliteradas em caracteres latinos.

têrmos foram invertidos recentemente; mas a possibilidade de que tanto os tabletos de Pilos como os de Cnossos pudessem ter sido escritos em grego, não foi então considerada, nem mesmo por Ventris.

Os primeiros ensaios de substituição dos sinais por sons e palavras reais, foram feitos pela pesquisadora americana Alice Kober, numa série de artigos fundamentais acêrca da escrita "linear B", publicados entre 1943 e 1950, dando conta de seu trabalho, no sentido de organizar uma lista de sinais fonéticos. Sua principal contribuição foi demonstrar que os tabletos continham, como era de esperar, uma língua com inflexões gramaticais, pois num determinado tablete de Cnossos, em que se via o ideograma de um carro, cada grupo de sinais fonéticos formando presumivelmente uma palavra era composto dos mesmos sinais, à exceção do último, que variava (veja-se a figura 1; depois da decifração, com efeito, ficou-se sabendo que se tratava das desinências do dual e do plural). Estudando um número considerável de tabletos, Alice Kober chegou à conclusão de que, se destacasse os sinais variáveis ocorrentes no final de palavras, armaria um quadro semelhante ao que obtém separando as desinências das declinações em uma língua flexionada, como o latim, por exemplo. À semelhança do que acontece com a desinência do ablativo das palavras "servus", "amicus", "bonus", (veja-se a figura 2), também na série dos últimos sinais horizontais que apareciam no quadro composto por Alice Kober (fig. 1) poderia estar a mesma vogal combinada com várias consoantes e os sinais verticais poderiam denotar a mesma consoante combinada com vogais diferentes; êsses resultados foram dispostos em colunas por Alice Kober, num diagrama que ela denominou "o princípio de uma tentativa de padrão fonético" (fig. 3).

Alice Kober também demonstrou que no grupo de sinais introdutores de totalizações nos inventários de pessoas, animais ou gêneros, o último sinal era a desinência masculina ou feminina da mesma palavra, tal como no caso dos sinais correspondentes a "rapaz" e "moça", já identificados intuitivamente por Cowley, e apontou um determinado sinal como a terminação mais freqüente nas enumerações femininas.

O americano Bennet dedicou-se ao estudo dos tabletos micênio-cretenses, que analisou em dissertação doutoral, apresentada à Universidade de Cincinnati em 1947, e em 1953, publicou um "Índice da Linear B minóica", onde registrou todos os sinais conhecidos até então, inclusive os ocorrentes

nos tabletos descobertos em Pilos por Blegen; e aceitou a idéia já enunciada por Alice Kober em 1948, segundo a qual a escrita "linear B" em Cnossos representava uma nova língua vinda do Continente, nada tendo em comum com a "linear A" e a hieroglífica, estas provavelmente originárias da própria ilha de Creta, pois, como já foi dito antes, só em Cnossos foram achados tabletos inscritos em "linear B", juntamente com os hieroglíficos e os inscritos em "linear A", ao passo que em todo o resto de Creta, só ocorriam as duas últimas formas de escrita.

5. *A fase decisiva; Michael Ventris* — Em 1950, o inglês Michael Ventris, estimulado pela publicação dos recentes tabletos de Pilos, deu nova orientação a suas tentativas de decifração, e foi publicando esparsamente, em notas mimeografadas, os resultados a que chegara, entre 1951 e 1952; nas primeiras duas notas, Ventris ainda insistia na comparação de elementos egeus e etruscos (a esse tempo, apesar das vagas proposições de Bennet, ainda se considerava improvável que os tabletos contivessem uma forma de grego); mas em notas seguintes começou a revelar progressos; estabeleceu, por exemplo, que determinado sinal deveria corresponder a uma conjugação enclítica equivalente a "e", e outro sinal (que agora se sabe equivaler a "não"), tinha função da frequência e posição (inicial, médio ou final) dos sinais fonéticos, deduzindo pela ocorrência acentuada de certos sinais na posição inicial e por analogia com outros silabários conhecidos, que deveria tratar-se de vogais isoladas; por ocorrerem junto a ideogramas significando obviamente "escravo" e "escrava", e já admitindo a forma grega da língua subjacente aos sinais micênio-cretenses, estabeleceu valores provisórios para os sinais correspondentes, como se se tratasse de formas arcaicas das palavras *dulos* (do-we-lo) e *dule* (do-we-la), em formas não contratas; em um quadriculado, Ventris foi registrando as tentativas de identificações, próprias e alheias, e as identificações novas geralmente confirmavam as anteriores, de tal modo que em fins de 1952 pôde ser publicado um quadriculado em que já se distinguiam tentativas de identificação de quatro vogais e combinações destas com quinze valores consonantais, formando uma espécie de tabuleiro de xadrez, em que cada valor novo introduzido provocava uma "reação em cadeia", só sendo admitido quando não contrariava as combinações já determinadas.

Aplicando as identificações aceitas a grupos de sinais evidentemente referentes a cidades cretenses, Ventris construiu



	TIPO "A"	TIPO "B"	"C"	"D"	"E"
CASO I:	<p>                     𐌆𐌵𐌶𐌵 𐌆𐌵𐌶𐌵                      𐌆𐌵𐌶𐌵 𐌆𐌵𐌶𐌵                      𐌆𐌵𐌶𐌵 𐌆𐌵𐌶𐌵                 </p>	<p>                     𐌆𐌵𐌶𐌵 𐌆𐌵𐌶𐌵                      𐌆𐌵𐌶𐌵 𐌆𐌵𐌶𐌵                      𐌆𐌵𐌶𐌵 𐌆𐌵𐌶𐌵                 </p>	<p>                     𐌆𐌵𐌶𐌵                      𐌆𐌵𐌶𐌵                      𐌆𐌵𐌶𐌵                 </p>	<p>                     𐌆𐌵𐌶𐌵                      𐌆𐌵𐌶𐌵                      𐌆𐌵𐌶𐌵                 </p>	<p>                     𐌆𐌵𐌶𐌵                      𐌆𐌵𐌶𐌵                      𐌆𐌵𐌶𐌵                 </p>

FIG. 1

ser-vu-s	a-mi cu-s	bo-nu-s
ser-vu-m	a-mi cu-m	bo-nu-m
ser-vi	a-mi-ci	bo-ni
ser-vo	a-mi-co	bo-no

FIG. 2

		VOGAL	
		1	2
Consoante	1	𐌆	𐌆
•	2	𐌆	𐌆
•	3	𐌆	𐌆
•	4	𐌆	𐌆
•	5	𐌆	𐌆

FIG. 3

cinco palavras, cada uma ocorrendo em três “casos” de uma possível declinação, substituindo as formas consonantais desconhecidas pelos números que lehes dera Bennet em seu “Índice”; tentando compor, com aquêles dados, os nomes de cinco cidades cretenses referidas nos poemas homéricos como as mais importantes, Ventris verificou que obtinha os nomes “Lictos”, “Fais-tós”, “Tilissós”, “Cnossos” e “Annisós”, com as formas adjetivas masculina e feminina correspondentes: “Lyktioi”, “Lyktiai”, “Phaistioi”, “Phaistiai”, etc.; pela inevitável “reação em cadeia”, trinta e um dos sinais do quadricudado receberam valores fonéticos fixos sem comprometer (antes confirmando) os valores vocálicos ou consonantais já estabelecidos.

Na última de suas notas mimeografadas, Ventris propôs algumas identificações de vocábulos, confirmando a intuição de Cowley, que identificara em certos sinais palavras correspondentes a *Kuros* e *Kure* (rapaz, môça), sob as formas “kor-wo”, “kor-wa”, além de outras; em seguida, as identificações se precipitaram, tôdas concordes e confirmativas das anteriores, e as inflexões observadas em 18 meses de tentativas compuseram, sem sombra de dúvida, uma declinação grega arcaica.

Já a essa altura era possível construir períodos completos e coerentes, e foi nessa fase das pesquisas que Michael Ventris passou a contar com a colaboração de John Chadwick, que havia seis anos se dedicava independentemente a estudos semelhantes em Oxford; a colaboração de Chadwick, com sua intuição criptográfica e conhecimento especializado dos dialetos gregos, foi preciosa para a complementação do trabalho de decifração.

6. *Aceitação dos resultados* — A atitude dos arqueólogos e lingüísticas, diante da decifração proposta por Ventris Chadwick, em artigo aparecido no “Journal of Hellenic Studies” de 1953 (intitulado “Evidência de um dialeto grego nos arquivos micênios”), foi de aprovação geral e entusiástica. O próprio Blegen, que a princípio se mostrou reservado quanto aos resultados obtidos e divulgados por Ventris e Chadwick, indo a Pilos ainda em 1953, e examinando novos tabletes, comunicou aos decifradores que os dizeres de uma determinada placa, “evidentemente referentes a jarros, alguns de três pés, outros de quatro, dotados ou desprovidos de asas, continham, ao lado dos desenhos dos vários tipos de jarros (os tabletes micênio-creteses traziam, como queriam que trouxessem cédulas eleitorais, o nome, para os letrados e a figura ou ideograma para os anal-fabetos...), continham como ia dizendo, ao lado dos desenhos dos jarros os sinais correspondentes, que transliterados de acôrdo

com o sistema proposto por Ventris e Chadwick, significariam “ti-ri-po-de” (ocorria uma vez a forma “ti-ri-po”, singular) correspondendo exatamente à figura do jarro de três pés; “qe-to-ro-we”, ao de quatro asas; “ti-ri-o-we”, ao de três; e “a-no-we”, ao desprovido de asas; diante da nova evidência, Blegen convenceu-se.

Quase simultaneamente, e sem conhecimento da descoberta de Blegen, o alemão Sittig comunicou aos decifradores que resolvera abandonar as próprias pesquisas, diante da evidência favorável aos resultados obtidos por eles, chamando a atenção para o ideograma gravado em um tablete de Cnossos, representando um jarro sem asas, acompanhado dos correspondentes sinais fonéticos, que pelo sistema de Ventris e Chadwick significariam “di-pa a-no-we-to”, ou seja *depas anúaton* em grego ático, isto é: “jarro sem asa”.

Essas novas confirmações vieram corroborar a certeza dos resultados expostos no artigo de Ventris e Chadwick há pouco mencionado, que ganharam a aprovação irrestrita de Bennet, Carratelli, Chantraire, Daux, Dumezil, Friedrich, Georgiev, Lejeune, Meriggi, Peruzzi, Sundwall, Gallavoti, e outros.

Atualmente, tôda a história e os resultados dêsse imenso trabalho, inclusive a transcrição em caracteres latinos e tradução dos tabletes mais importantes estão consignados no livro de Ventris e Chadwick citado no princípio de nossa resenha.

7. *A escrita micênio-cretense* — Aceita a tese segundo a qual, ao contrário do que antes se admitia, os tabletes em “linear B” encontrados em Cnossos e na Grécia continental revelam uma língua importada por Cnossos na época do apogeu da civilização micênia, cantada nos poemas homéricos, está firmada hoje a denominação de *grego-micênio* para designar o dialeto dado a conhecer pela decifração da escrita “linear B” por Ventris e Chadwick.

Quanto à forma, a escrita “linear B” é silábica ou seja, uma escrita em que cada sinal representa uma sílaba vocálica, ou uma sílaba formada de consoante mais vogal; tentarei resumir, em seguida, o sistema geral do silabário micênio-cretense, nos termos em que o expõe o prof. Gallavotti, nas páginas 14 e seguintes da obra citada.

1) Cinco sinais reproduzem as cinco sílabas vocálicas a, e, i, o, u, sem distinção da quantidade natural (no próprio alfabeto clássico, somente no fim da idade arcaica, e no tocante aos sons “e” e “o”, chegou-se a distinguir gráficamente a duração da articulação).

- 2) Um sinal apôsto indica o ditongo "ai" inicial.
- 3) Dos ditongos geralmente só se exprime o primeiro fonema, quando o segundo é um "i".
- 4) Dos ditongos em "u", são expressos ambos os elementos com dois sinais distintos, como se fôsem duas sílabas, mesmo no caso do ditongo "ou", que no grego clássico veio a constituir um som único.
- 5) Não há qualquer sinal para indicar aspiração, embora alguns autores vejam no sinal n.º 25 da classificação de Bennet, traços de "a" aspirado.
- 6) O sinal da soante "jod" mais vogal (ja, je, jo), geralmente aparece na sílaba seguinte a vogal palatal: i-je-re-ja = sacerdotisa.
- 7) A soante dígama dá origem a oscilações gráficas, representativas de diversidade de pronúncia (diia aparece tanto sob a forma "di-wi-ja", como "di-u-a").
- 8) Exceto as vogais e a série das soantes, os sinais restantes representam as várias séries de consoante mais vogal.
- 9) Não aparecem individuadas as consoantes aspiradas.
- 10) Entre as oclusivas, a série de labial surda + vogal serve também para a sonora (P,b).
- 11) Para as dentais, ao contrário, encontra-se a série completa de cinco sinais para a surda e de outros cinco sinais para a sonora (no silabário cipriota, a série é a mesma para as dentais surda e sonora). (t,d)
- 12) A série das velares é completa nos cinco sinais da surda + vogal; servindo a mesma série para a sonora mais vogal, que não dispõe de sinais próprios (k).
- 13) A série das lábio-velares compreende no mínimo três sinais (ge, gi, go), sem distinção de surda e sonora; alguns autores vêem no sinal n.º 16 o valor "ga".
- 14) As duas séries das nasais (n,m) são completas e distintas.
- 15) Para as líquidas (l, r), ao contrário, a série, embora completa, é única.
- 16) A série da sibilante é completa (o sigma, de um modo geral, apresenta nessa época o mesmo quadro do grego clássico).
- 17) Já aparece constituída — salvo quanto à pronúncia real — a série da consoante "z", derivada do jod inicial ou da oclusiva com jod.

18) Os sinais consonantais mencionados representam sílabas abertas; a consoante final das sílabas fechadas não aparece expressa gráficamente. Em consequência, os sons l, m, n, r, s, diante de outra sílaba começando por uma consoante, e os sons n, r, s, em fim de palavra, são omitidos “ka-ke-u”, correspondendo a khalkeús; “e-ko-te” = êkkontes; “pa-si-re-u” = basileus. O mesmo se dá com o “r” antes de dígama: “ko-wo” = korwos; e de duas consoantes iguais consecutivas, só uma é expressa.

19) Quando, ao contrário, num grupo de consoantes, a primeira participa da segunda sílaba, e não da precedente, então vem expressa gráficamente e assume no sinal o timbre vocálico da segunda sílaba: “A-mi-ni-so” = Ámnisos; “ku-pi-ri-jo” = kyprios; “te-ko-to-ne” = têktones; “ti-ri-po-de” = trípole. Da mesma forma em particular, são tratados os grupos “cs”, “ps”: “a-ko-so-ne” = áxones; “de-ka-sa-to” = dêxato, que só no alfabeto clássico e num estágio avançado, chegaram a ter sinais simples; assim também os grupos consonantais como “ptr” em “ra-pi-ti-rja” = rháptria.

20) O sigma inicial antecorsonantal não vem exposto (“to-so pe-ma” = tôson spërma); às vezes, também não se exprime o dígama inicial diante de “r” (“ri-no” é *wrinos* mas o adjetivo derivado é escrito “wi-ri-no-jo”).

21) Geralmente as palavras vêm separadas umas das outras por um pequeno sinal vertical interposto, exceto as partículas enclíticas e os pré-verbos proclíticos (mas não as verdadeiras preposições ou advérbios); êsse pequeno sinal tem a forma de uma linha vertical, menor que os sinais fonéticos, e um sinal semelhante sobreposto significa pontuação em fim de linha. Não deve ser confundido com o numeral 1.

Externando sua opinião a respeito da decifração proposta por Ventris e Chadwick, o prof. Gallavotti emite conceitos que dão a média geral da atitude dos diversos estudiosos no assunto, unânimes na aceitação dos resultados. Eis as palavras de Gallavotti:

“Antes de Ventris (1953), havia-se tentado estabelecer o valor fônico de alguns sinais; mas de maneira incerta, ou, como agora podemos ver, totalmente errônea, especialmente porque se tentava deduzir o valor pela semelhança com sinais de outros alfabetos conhecidos, e em particular do silabário cipriota. Neste, com efeito, há sinais parecidos, que

derivam aparentemente do sistema linear (micênio-cretense), mas têm valor fônico diferente. O silabário proposto por Ventris se justifica e se apóia em si mesmo, pelos resultados que apresenta ao ser experimentado. Deve ser excluído o acaso, quando a estrutura de um sistema se mostra coerente por todos os lados, num campo de aplicação vastíssimo.

Tomemos para exemplo, num certo tablete, uma palavra composta de oito sinais diferentes, correspondentes a oito sílabas. Podemos dar aos oito sinais ignorados valores fônicos diversos, de modo a formar numerosíssimas palavras gregas com as 40.320 permutações matematicamente possíveis entre oito sinais diferentes; mais ainda: se considerarmos que os sinais mais usados do silabário micênio são no mínimo 64 (com 64 valores fônicos diferentes), cada um daqueles sinais, na realidade, pode assumir teoricamente oito valores diferentes; as possibilidades de permutação de oito entre 64 valores diferentes sobem a mais de três milhões. Ora; se entre um número de possibilidades tão elevado teoricamente, fixamos a certa altura valores determinados para cada um dos oito sinais daquela palavra, e a pronunciarmos “e-te-wo-ke-re-we-i-jo” Etewoklewéios = Eteokleios, o fato de assim obtermos uma palavra compreensível não tem ainda por si mesmo qualquer peso, dado o número das possíveis combinações teóricas, e o número praticamente ilimitado de combinações possíveis no grego; mas se descobirmos que a aplicação daqueles valores fônicos para os mesmos sinais dispostos diversamente em outras palavras, dá constantemente outras palavras gregas, então seremos levados a crer que aqueles valores fônicos são a correspondência real dos sinais” (o. c., págs. 17-18).

8. *Estrutura do dialeto micênio* — A língua revelada pela decifração da escrita “linear B” é uma forma arcaica do grego ou melhor, estamos diante em um dialeto grego arcaico, perfeitamente inflexionado, cujas principais características são as seguintes:

a) *Morfologia*: o sistema de casos é notavelmente semelhante ao do grego homérico; distinguem-se quatro casos no singular (nom. acus. gen. e dat.) e cinco no plural (os do singular, mais o instrumental, marcado pelo sufixo “-pi” na 1.<sup>a</sup> e

na 3.<sup>a</sup> declinação); há uma declinação dos temas em “a”, masculino e feminino, igual, com exceção do genitivo, que nos temas femininos é em “-a”, e nos masculinos em “-ao”; uma dos temas em “-o”; e uma dos temas consonantais (os mais numerosos.) Os pronomes são muito raros e de ocorrência duvidosa. Quanto aos verbos, apesar da natureza uniforme dos tabletes (inventários, etc.) distinguem-se, na voz ativa e média, formas do presente, futuro e perfeito; verbo “ser”, em forma simples ou composta, ocorre no presente, imperativo, particípio, imperfeito e futuro.

b) Sintaxe: Há vários exemplos de particípios passados ativos usados no sentido intransitivo habitual em Homero. “a-ra-ru-wo-a” (guarnecido com...), equivalente ao uso homérico na “Odisséia”, VII, 45: skolôpessin arerôta; “te-tu-ku-wo-a” (“bem feito” veja-se a “Odisséia”, XII, 423, boôs rhinoïo teteukhós). O desenvolvimento das preposições é completo; “pa-ro” (pará) governa o dativo, onde no dialeto ático pediria genitivo; “Me-ta” parece governar também o dativo, correspondente em certas frases, ao dativo homérico. No tocante à ordem das palavras, embora haja inversões, a normal é = sujeito-verbo — objeto; o adjetivo precede geralmente o substantivo; dois ou mais adjetivos aplicados ao mesmo substantivo mostram assíndeto. O artigo definido, como tal, não ocorre.

c) Vocabulário: é essencialmente grego; das palavras identificadas, grande número se inclui entre as raras e poéticas, enquanto outras são conhecidas apenas em fontes helenísticas; é de mencionar-se o fato de palavras tidas como pós-clássicas serem de venerável antiguidade (a incoerência em fontes literárias, portanto, não importa em ausência do vocabulário); por exemplo, a palavra “pu-rá-u-to-ro” (py’raustros = tenazes de ferro), escrita em um dos tabletes, só reaparece num dos mimos de Herodas (Século III a. C), e numa inscrição do Séc. IV a. V.; êsse humilde utensílio escapou a qualquer menção na literatura clássica e agora se pode ver que seu aparecimento tardio não tem significação alguma quanto à época de sua origem. Palavras que conhecemos somente em Homero e em poesia, são sobrevivências arcaicas de épocas remotas, pois vamos encontrá-las em uso normal nos documentos micênicos: as palavras correspondentes a phásgana (espada) e ênkhea (louça), podem servir de exemplo. Merecem menção as poucas palavras de origem semita, prova de que a influência fenícia começara na época micênia; os gregos já haviam recebido dos fenícios duas palavras designando artigos de luxo: “ku-ru-so” =

khry'sos e "ki-to" = khíton; a palavra "po-ni-ki-já" = phoiní-  
kia (vermelho), também leva a crer em contactos com a Fe-  
nícia. Entre os nomes próprios freqüentes nos tabletes micênio-  
cretenses, há numerosíssimos correspondentes a personagens  
homéricos (Ventris e Chadwick relacionam 86, dos quais os  
mais notáveis são: "A-ki-re-u" = Akhileús, "E-ko-to" = Hêktor  
"O-re-ta" = Orêstes; "Pe-ri-me-de" = Perimédes; "Pe-ri-to-wo"  
= Peiríthoos; "Te-se-o" = Theseús; "Tu-we-ta" = Thyestes.

9. *Conteúdo dos tabletes* — Os 3.500 tabletes de argila  
inscritos em "linear B", foram todos achados em ruínas de pa-  
lácios, em lugares onde só era de esperar que houvesse insí-  
pidos documentos oficiais, sendo natural, portanto, que entre  
eles não haja qualquer texto literário. Ventris e Chadwick  
classificaram os tabletes segundo o conteúdo, distribuindo-os em:  
listas de pessoas; inventários de gêneros alimentícios; títulos de  
propriedade e uso de terras; listas de tributos e oferendas ri-  
tuais; listas de produtos têxteis, vasilhame e móveis; metais;  
equipamentos militares.

Dada, pois, a origem "burocrática" dos tabletes, compre-  
ende-se a exigüidade do vocabulário revelado pela decifração;  
o índice organizado por Ventris e Chadwick, em apêndice à obra  
já citada, registra 990 palavras, das quais, descontadas as va-  
riantes, restam 630 unidades léxicas diferentes; muitas das quais  
vêm repetidas várias vezes em numerosos tabletes. Já os nomes  
próprios são freqüentíssimos; o índice do livro de Ventris e  
Chadwick, que para poupar espaço colhe apenas 1/4 do total,  
contém quase 1.000. Em várias classes de tabletes ocorrem  
nomes de divindades, entre as quais Zeus, Hera, Poseidon, Atena,  
Ártemis; Diônisos é mencionado uma vez, mas pode tratar-se  
de nome de homem, pois o contexto é incerto; Ares não aparece  
designado diretamente, mas um de seus epítetos — "e-nu-wa-  
ri-wo" = Enyálios ocorre numa lista de divindades existentes  
no tablete 288 da obra de Ventris e Chadwick; também não há  
menção expressa a Apolo, mas na mesma lista de divindades  
encontra-se a forma "Pa-ja-wo", equivalente ao Paiéon ho-  
mérico; das divindades menores, há referências a Eileitíia e  
Deméter; cita-se uma "sacerdotisa dos ventos" — "A-ne-mo  
i-je-re-ja"; certos tabletes consignam oferendas "a todos os  
deuses" ("pa-si te-o-i").

10. *Problemas novos* — Se muita dúvida foi desfeita com  
a decifração da escrita "linear B", um problema novo surgiu  
para desafiar mais uma vez a argúcia dos pesquisadores: não  
existe qualquer sinal de que a escrita micênio-cretense tenha



continuado a ser usada na Grécia depois do ano de 1.200 a. C.; não há vestígio algum de escrita nos períodos sub-micênio ou protogeométrico ou seja entre 1.200 e 750 a. C.; com efeito, só em meados do Século VIII antes de Cristo apareceu um alfabeto grego, novo e totalmente diferente do silabário micênio-cretense.

Esse desaparecimento da escrita por um período de tempo tão longo não se deve, certamente, ao acaso, pois uma simples letra em um pedaço de pedra ou argila seria bastante para demonstrar a sobrevivência da escrita, e essa letra não existe, não foi encontrada. Estamos sem dúvida diante do fato desconcertante de uma sociedade que se torna súbitamente iletrada, depois de conhecer uma forma evoluída de escrita, para assim permanecer durante séculos. É difícil explicar esse fato, mas a hipótese de Maurice Bowra, exposta na conferência mencionada de início (págs. 2 e segs.), é plausível, e pode ser resumida no seguinte: a arte de escrever poderia estar restrita a um círculo limitado de profissionais, e destinar-se-ia a fins específicos: inventários, instruções para operações militares, culto, etc.; ora; por volta do ano de 1.200 a. C., começaram as catástrofes históricas que aniquilaram a civilização micênia, por obra das migrações dóricas, e, desfeitas as pequenas monarquias então existentes pelos dóricos semibárbaros, podem ter desaparecido os escribas oficiais, podem ter-se dissolvido os grupos restritos de letrados profissionais.

O confinamento da arte de escrever a um grupo limitado de profissionais é, de certo modo, confirmado pela cuidadosa uniformidade da escrita "linear B", que, através dos três séculos de sua manifestação agora revelada, mostra pouquíssimas variações locais, ou mesmo pessoais, ao passo que, no Século VIII a. C., quando começam a surgir os primeiros documentos do novo alfabeto grego, a escrita varia de lugar para lugar, de mão para mão. E outro indício de que só pouquíssimas pessoas entendiam a escrita da época micênio-cretense pode ser entrevistado em uma alusão homérica; na "Ilíada", canto VI, versos 168 e seguintes, o tablete que o rei Proitos, envia ao rei da Lícia, dando-lhe instruções para matar Belerofon, não podia ser lido pelo condenado, que era um filho de reis, mas não entendia os *sémata lygrá* de que era portador; essas expressões, com seu ar de mistério, são parte essencial do episódio, e concordam com outros indícios de que a escrita micênio-cretense era apanágio de uma classe limitadíssima, que, desaparecendo,

pode ter levado consigo o segredo da arte de escrever.

Mas a resenha já vai longa.

E num balanço final, é possível sintetizar as conseqüências imediatas da decifração da escrita micênio-cretense, em algumas palavras do prof. Carlo Gallavotti, colhidas nas páginas 11 e 190 de seu curso:

“Um capítulo novo terá de ser acrescentado, de hoje em diante, a tôda história da língua grega”...  
“Nossos critérios distintivos para a dialetologia grega terão de ser sistemáticamente revistos, e ainda sob êsse aspecto devemos ter presente a enorme importância da nova documentação micênia”.

## SERMÕES DE FREI ALEXANDRE DO ESPÍRITO SANTO PALHARES

*Roberto Macedo*

Protótipo de classicismo, não o terá sido Frei Palhares. Minguava-lhe a seiva — para alguns, o ranço — de exemplar castidade.

Homem douto sem grau de doutor, sobrepujou concorrentes na tribuna sagrada.

Como “o orador mais notável” de seu tempo consagrou-o Mendes dos Remédios (“História da Literatura Portuguesa Desde as Origens até a Atualidade”, Quinta Edição, Empresa Internacional Editora, Rua do Ouro, 132-138, Lisboa, 1921).

Filiava-se à estirpe do Padre Antônio Vieira, com sangue intelectual mais incendiado. Se Vieira, como já foi observado, falando de Deus, tinha os olhos nos homens, Palhares tinha os olhos nos homens, falando dos homens.

Anacrônico Moisés de estamena, passava não raro do conselho à cólera verbal, sem perceber cambiantes de temperatura psico-física.

Nesse particular de sermões trovejantes, parece difícil descobrir quem o excedesse.

Pregando em todos os bispados de Portugal, malhou de rijo em muitas bigornas. Imagine-se o mal-estar do auditório, perante êste exórdio agressivo, presentes numerosos magistrados, inclusive o Desembargador Francisco d'Almada de Mendonça (Sermão da Quaresma, Igreja da Sé Velha de Coimbra, em 1802):

— “Tantos magistrados no meu auditório! Coisa admirável! Coisa estranha! Há quarenta anos, que